

## MULHERES FORA DA ÁREA: escritoras “arriscando-se” a dissertar sobre futebol

Maria Thereza Oliveira Souza<sup>1</sup>  
André Mendes Capraro<sup>2</sup>  
Larissa Jensen<sup>3</sup>

---

### RESUMO

É notável que o ambiente do futebol foi historicamente dominado pela presença masculina, o que reflete na produção artística/literária sobre o tema. Sabendo de antemão que há um grande número de cronistas homens escrevendo diariamente sobre esporte, e especialmente sobre futebol, e constatando que, em contraste a isso, são raros os textos dessa temática escritos por mulheres, objetivou-se no presente artigo apresentar reflexões sobre como o número reduzido de literatas, que escreveram sobre futebol, o conceberam, possibilitando também refletir sobre o domínio masculino perpetuado nessa esfera. A metodologia utilizada foi de estudos literários, focada na análise de crônicas esportivas, nesse caso, especificamente, das escritoras Lya Luft, Raquel de Queiroz e Clarice Lispector, portanto, buscou-se fazer uma relação entre literatura e história. Concluiu-se que, nos raros textos futebolísticos produzidos por essas mulheres, quando estas não se desculparam por estar escrevendo sobre tal temática, procuraram se afastar de avaliações técnicas ou táticas.

**Palavras-chave:** Mulheres; Literatura; Futebol

---

- 1 Mestranda em Educação Física. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba/Paraná, Brasil.  
E-mail: mariathereza\_souza93@yahoo.com.br
- 2 Doutor em História. Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba/Paraná, Brasil.  
E-mail: andrecapraro@onda.com.br
- 3 Mestranda em Educação Física. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba/Paraná, Brasil.  
E-mail: lari-jensen@hotmail.com

## INTRODUÇÃO<sup>4</sup>

É de certa forma evidente que o esporte e, principalmente, o futebol, é historicamente dominado por homens no Brasil. A mídia impressa esportiva, os canais de televisão e mesmo as publicações científicas cobrem de forma notadamente desigual o esporte feminino, em comparação ao seu correspondente masculino (SOUZA; KINIJNIK, 2007; GOELLNER, 2005a, 2005b). As disparidades se tornam maiores quando a análise é feita com relação à participação de mulheres em distintas posições no cenário esportivo, como alerta a pesquisadora Silvana Goellner:

[...] a participação de mulheres em órgãos dirigentes e de gestão do esporte é ínfima; a inserção em funções técnicas, como treinadoras e árbitras, ainda é diminuta; federações, confederações, clubes e associações esportivas mantêm registros precários sobre a participação das mulheres em seus dados oficiais, especialmente no que se refere a aspectos históricos. (Goellner, 2012, p. 73-74).

Levando essa constatação um pouco mais adiante, percebemos que as mulheres encontram-se ausentes também enquanto escritoras esportivas. Existem poucas mulheres que decidiram se aventurar por esse caminho tortuoso e escrever sobre futebol. Ressalta-se que, na maioria das vezes, elas não eram especialistas esportivas e sim literatas, que arriscaram algumas palavras para tratar do assunto. São os casos de Raquel de Queiroz, Clarice Lispector e Lya Luft – que serão melhores tratados na sequência. Levando isso em conta, o que interessa ao presente estudo é saber: como o número reduzido de literatas que escreveram sobre futebol o conceberam?

Sabendo de antemão, por uma rápida análise em portais esportivos, que há um grande número de cronistas homens escrevendo diariamente sobre esporte, especialmente sobre futebol, e constatando que, em contraste a isso, são raros os textos dessa temática escritos por mulheres, objetivou-se no presente artigo apresentar reflexões sobre como o número reduzido de literatas, que escreveram sobre futebol, o conceberam, o que possibilitou também refletir sobre o domínio masculino perpetuado nessa esfera.

## METODOLOGIA

Baseando-se na premissa de que “Qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico” (CHALHOUB; PEREIRA, 1998, p. 8), a opção por se trabalhar com crônicas esportivas torna-se viável para capturar indícios de posicionamentos de escritores, em determinado período e contexto histórico.

Para tanto, uma breve explicação sobre esse estilo literário pode auxiliar no entendimento das particularidades deste gênero, por sinal, considerado como tipicamente brasileiro (CANDIDO, 1992). A crônica, portanto, pode ser caracterizada como:

4 Esse estudo contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O presente estudo não possui conflitos de interesses de nenhuma natureza.

Narrativa curta, fixação do flagrante, emoções 'daquele' momento, passagens da vida do autor, o cotidiano ou, até, recordações de um ontem que se tenta recuperar. Enfim, temática variadíssima, estruturando-se mais próxima ao conto [...] embora liberta de enredos e personagens [...] ou antagonismos e involuções [...] (PROENÇA, 1980, p. 28).

Ou seja, uma análise desse tipo de fonte pode fornecer importantes caracterizações de um período ou apontar para características dos próprios escritores, já que:

[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas. (CANDIDO, 1992, p. 14).

Ainda a respeito da relação entre literatura e história, bem como à perspectiva do seu uso como fonte histórica:

[...] cabe destacar que não deve ser objetivo do pesquisador das Ciências Humanas apenas um estudo especializado na estética literária. Tratando-se de uma pesquisa que tem por objetivo principal o entendimento de um determinado contexto social, tal inserção acabaria descaracterizando o objetivo principal, por conseguinte, é injustificada. É sim função do pesquisador compreender como o contexto social foi incorporado pelo autor e manifestado esteticamente na sua produção artística/literária. (CAPRARO, 2007, p. 16).

Fica esclarecido, então, que não se objetiva aqui fazer uma análise estética da escrita, das condições gramaticais, de ortografia ou das características de narrativa. Mas, sim, de se estabelecer contatos entre a sociedade na qual as crônicas foram escritas, o objetivo das escritoras e a maneira como discorrem sobre o esporte, especialmente o futebol. Vale salientar que, tais escritoras são altamente instituídas no meio literário e, portanto, seus escritos poderiam balizar uma discussão estética, porém esse não é o foco central do presente artigo.

Embora se saiba que algumas escritoras contemporâneas, como Soninha Francine e Betty Milan, entre outras, também escreveram sobre futebol, vale salientar que a escolha das literatas envolvidas no estudo foi feita segundo seu grande reconhecimento no meio literário, já que, tanto Queiroz, quanto Lispector e Luft construíram uma carreira de significativa notoriedade nacional. Portanto, suas crônicas atingiram, via de regra, um grande número de leitores; além disso, as três foram ganhadoras de vários prêmios literários e também autoras de *best sellers*.

Para finalizar, tendo em vista as singularidades literárias de cada uma, optou-se por uma subdivisão de tratamento individualizado, disposta a seguir em itens, para que, nas considerações finais, elementos em comum e diferenças entre elas pudessem ser apresentadas.

## O atrevimento controlado

RAQUEL DE QUEIROZ – futebol entre amigos

A escritora Raquel de Queiroz nasceu no ano de 1910, na cidade de Fortaleza. Aos sete anos de idade, mudou-se com a família para a cidade do Rio de Janeiro, fugindo da seca que assolou a região nordestina. Logo eles retornaram à terra natal, mas esse fato foi usado por Queiroz, no ano de 1930, para escrever seu livro mais reconhecido – **O Quinze** –, que se tornou um dos clássicos do modernismo brasileiro. Ela ainda escreveu outros romances, como: **Caminhos de Pedras, As Três Marias, O Galo de Ouro e Memorial de Maria Moura**. Além disso, escreveu regularmente para os jornais **Correio da Manhã, O Jornal, Diário da Tarde** e para a revista **O Cruzeiro**. A intelectual faleceu no ano de 2003, finalizando uma trajetória de grande sucesso na literatura.

Escreveu sobre futebol em algumas oportunidades, geralmente provocada por colegas de profissão. Como no texto intitulado **Como é que eu sou vascaína? Não sei. Amor é assim**. Nesta oportunidade, Queiroz respondia à provocação de seu amigo José Lins do Rego que, em crônica publicada em 1º de novembro de 1946, estimulou o debate literário, assim, supõe-se que a resposta tenha ocorrido no mesmo ano. Seu colega de profissão afirmou que ela tinha tudo para ser flamenguista, como ela mesma relata: “E por mais que Zé Lins do Rego, o amigo fraterno, fizesse tudo para me arrastar ao Flamengo – até pela imprensa, no Jornal dos Esportes, eu ficava inabalável” (QUEIROZ *In* RAMOS, 2011).

Nesta crônica, a autora relata como se iniciou sua paixão pelo time do Vasco da Gama. O texto, assim como o de Lya Luft, não tratou de aspectos técnicos nem relatou fatos marcantes de jogos. A descrição foi feita com base nas emoções sentidas pela escritora, em suas experiências em estádios de futebol ou nos bons momentos vividos com amigos e familiares, oportunizados pelos jogos. Característica que ficou clara no seguinte trecho, no qual ela indicou possíveis respostas para o fato de ter se tornado vascaína:

[...] me levaram para assistir a um jogo. Vasco e Fluminense? Acho que sim. Meu tio, vascaína, me explicou que o Vasco era uma das mais puras expressões do Rio – o português-carioca, aqui nascido ou aclimado, nesta cidade que eles fundaram e que, já antes de D. João VI, amavam apaixonadamente. Foi um jogo difícil, mas o Vasco venceu. Terá sido aquela vitória suada que me conquistou? Ou a celebração, a gente num carro de capota arriada (ainda havia disso) atravessando a Avenida, cantando e soltando vivas? Não posso explicar. Como já disse, não se explica: acontece (QUEIROZ, 1946).

Esse jogo, ao qual Raquel de Queiroz se refere, foi realizado logo que a escritora chegou ao Rio de Janeiro vinda do Ceará, ao final da década de 1910, quando ainda era uma criança. Esses aspectos apontados por ela revelam uma característica presente em quase todos os apaixonados torcedores de futebol: o carinho pelo clube, que é quase sempre incondicional, pautado por fatores emocionais e sem necessidade de explicação lógica – tanto que ela não lembrava ao certo qual havia sido o jogo, nem quando o mesmo

havia sido realizado, lembrava-se apenas das experiências vividas (WISNIK, 2008). Mais um exemplo no qual Raquel falou sobre futebol, mas sem especificamente analisar jogos, competições, lances ou jogadores, como a maioria dos cronistas (homens) especializados nessa área fazem, foi a crônica **O Amistoso**. A escritora construiu seu texto tal qual estivesse narrando uma partida de futebol amador pelo rádio, como se vê neste trecho:

[...] O couro vai para Bira, Bira perde para um galalau amarelo dos “estrangeiros”, o galalau perde para Zico, Zico passa para Lucas, que perde para o capitão dos visitantes, um louro de gorro de meia. Aí Xaveco interfere na raça, toma a bola, o louro tranca, Xaveco dá-lhe uma carga, o louro acha ruim, revida, o juiz apita, os dois se agarram e por trás chega Bira, que é gordo e violento, e larga um pontapé no terço inferior da coluna vertebral do louro. (QUEIROZ, 1979).

A crônica foi publicada originalmente em 1954, ano no qual quase a totalidade dos jogos transmitidos ao público no Brasil era feita por meio do rádio, sendo que o acesso à televisão era privilégio de poucos (SOARES, 1994). Demonstra-se, assim, uma possível tentativa, uma estratégia literária, de aproximação de Raquel a um público acostumado a acompanhar esse modelo de narrativa – aquele oral característico das transmissões de rádio. Além disso, a crônica é um relato de um típico jogo de fim de semana entre amigos, atividade praticada regularmente por homens, que tem nesse esporte uma de suas principais formas de lazer; ou seja, mais do que uma crônica esportiva, esse texto pode ser entendido como uma crônica do cotidiano. Entende-se, portanto, que Raquel de Queiroz estava escrevendo para leitores do sexo masculino, pelo fato de que eram eles que praticavam as “peladas” e também essencialmente o público leitor dos jornais, como relatado por ela, tanto que os personagens de tal crônica são quase todos homens.

O texto dá indícios de que Raquel de Queiroz não era uma especialista em esporte, muito menos em futebol. Por outro lado, apenas o fato de ter escrito sobre essa temática, já na década de 1950, tornou-a uma das pioneiras e uma das grandes responsáveis por fomentar aspirações em novas escritoras.

O fato é que Queiroz publicou seus textos em um período no qual existia forte dominação masculina, em praticamente todos os segmentos sociais, quanto mais no mundo esportivo. O que possibilita a conclusão de que, quando escreveu sobre futebol, algo que era considerado típico do sexo masculino em meados do século XX, ela se tornou uma transgressora de seu próprio tempo e contexto, posição digna de uma escritora de vanguarda. Tal circulação no ambiente masculino pode ter sido um dos motivos para que Raquel de Queiroz fosse eleita a primeira mulher imortal, pela Academia Brasileira de Letras, em 1977.

CLARICE LISPECTOR – introspectiva até no futebol

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Dois anos depois, sua família mudou-se para o Brasil. Seu primeiro emprego na área jornalística foi

conquistado no ano de 1940, quando começou a trabalhar como redatora e repórter na **Agência Nacional**. Em 1942, transferiu-se para o jornal **A Noite**. Seu primeiro livro, **Perto do Coração Selvagem**, foi publicado no ano de 1943, coincidentemente ano no qual ela se naturalizou brasileira. (MOSER, 2013). Além desse romance, Lispector escreveu outros títulos deste gênero, como: **A Cidade sitiada**, **O Lustre**, **A maçã no escuro**, **A hora da estrela** e **A paixão segundo G.H.** Também produziu literatura infantil: **O mistério do coelho pensante**, **Quase de verdade** e **A mulher que matou os peixes**. E reuniu alguns contos em formato de livros, como: **A legião estrangeira**, **Felicidade clandestina** e **Laços de Família**. Clarice Lispector escreveu para jornais (**Comício**, **Correio da Manhã**, **Jornal do Brasil** e **Última Hora**) e revistas (**Manchete** e **Fatos e fotos**). A escritora morreu em decorrência de um câncer, no ano de 1977. (CLARICE LISPECTOR, s/d).

Com tudo isso, Clarice Lispector tornou-se umas das mais renomadas escritoras brasileiras, mas nunca teve o futebol como uma de suas principais temáticas. Tanto que Armando Nogueira, admirador de sua forma de escrita literária e de seus trabalhos, escreveu em uma de suas crônicas, no ano de 1968, que trocaria uma vitória de seu time de coração em um grande jogo, por uma crônica sobre futebol escrita por Clarice Lispector. Ambos trabalhavam na mesma sede do **Jornal do Brasil** e Lispector resolveu aceitar o desafio. Para tanto, escreveu o texto intitulado **Armando Nogueira, futebol e eu, coitada**. A escritora devolve a admiração com as seguintes palavras: “Armando escreve tão bonito (não digo apenas “bem”), que às vezes, atrapalhada com a parte técnica de sua crônica, leio só pelo bonito” (LISPECTOR, 1968). Clarice continuou se mostrando lisonjeada com o pedido do colega, quando chegou a um trecho satírico, típico de torcedores e cronistas esportivos, no qual diz: “Mas, se seu time é Botafogo, não posso perdoar que você trocasse, mesmo por brincadeira, uma vitória dele nem por um meu romance inteiro sobre futebol” (LISPECTOR, 1968). Lispector, que quase nunca se pronunciava sobre futebol, ainda revelou seu time do coração, que exatamente como Nogueira, era o próprio Botafogo de Futebol e Regatas: “Sou Botafogo, o que já começa por ser um pequeno drama que não torno maior porque sempre procuro reter, como as rédeas de um cavalo, minha tendência ao excessivo” (LISPECTOR, 1968). Ou ainda: “[...] eu tinha me dado toda ao Botafogo, inclusive dado a ele minha ignorância apaixonada por futebol” (LISPECTOR, 1968). O trecho exacerba, mais uma vez, a mulher na posição de cronista, justificando-se pelo fato de estar se “atrelando” a escrever sobre futebol, um campo no qual o sexo feminino, na sua maioria, nunca se sentiu à vontade, ainda mais na época da referida construção textual. (GOELLNER, 2005b).

Clarice também admitiu que acompanhava pouco o futebol e, ao dizer que só havia ido uma vez a um estádio, autocensurava-se: “Sinto que isso é tão errado como se eu fosse uma brasileira errada” (LISPECTOR, 1968). Ela ainda assumiu que seu entendimento técnico sobre o esporte era limitado e, portanto, na maioria das vezes, tinha dificuldades em acompanhar os acontecimentos de um jogo, como aqueles que assistiam o esporte com mais frequência. Para minimizar as suas dificuldades, revelou que pedia explicações àqueles que estavam ao seu redor:

Quem estava comigo não despregava os olhos do campo, como eu, mas entendia tudo. E eu de vez em quando, mesmo sentindo que estava incomodando, não me

continha e fazia perguntas. As quais eram respondidas com a maior pressa e resumo para eu não continuar a interromper. (LISPECTOR, 1968).

A autora de **A hora da estrela** reforçou a sensação de distanciamento das análises técnicas do futebol, colocando-se como leiga em várias oportunidades, como já se viu no título do texto, no qual se referiu a si mesma como “coitada”, em relação ao conhecimento daquele esporte. Adjetivo usado novamente no seguinte trecho: “E eu – provavelmente coitada de novo – tinha a impressão de que a luta só não saía das regras do jogo e se tornava sangrenta porque um juiz vigiava, não deixava, e mandaria para fora de campo quem como eu faria, se jogasse (!).” (LISPECTOR, 1968). Como não era tão familiarizada com o futebol, Lispector se surpreendeu com o alto grau de contato físico, presente na disputa assistida. A autora de *Água Viva* ainda afirmou, de forma muito categórica, que não praticaria tal esporte, exatamente por esses acontecimentos, que a deixavam claramente próxima à prática de atividades mais delicadas: “Bem, por mais amor que eu tivesse por futebol, jamais me ocorreria jogar... la preferir balé mesmo.” (LISPECTOR, 1968). Ou seja, há indícios de que a escritora considerava o futebol demasiadamente viril e, portanto, longe de suas características pessoais. Mais do que isso, longe das posturas esperadas e incentivadas em relação ao sexo feminino, que deveria se portar de acordo com certas normas de comportamento estabelecidas socialmente. Normas que eram, justamente, contra qualquer exacerbação de virilidade, força física demasiada ou competitividade. Existia então, um ideal de mulher “submissa”, que era associada à docilidade e à vida privada, havendo assim uma seleção de práticas físicas que lhes eram recomendadas, ou ainda, “permitidas”. (MORAES E SILVA; FONTOURA, 2011; GOELLNER, 2012).

Neste caso, Lispector reforça a ideia do futebol como campo de dominação masculina (BOURDIEU, 2002), como se os homens possuíssem uma condição natural (na verdade, naturalizada) e fossem os únicos detentores do conhecimento sobre a modalidade e as características necessárias para sua prática. É, no mínimo, contraditório esse pensamento vindo de uma mulher inserida tão fortemente em um mundo que também era dominado por uma grande maioria de homens na sua época – o literário. Dessa forma, vê-se como o machismo era ainda mais forte no futebol em meados do século XX, já que mesmo uma mulher com certa emancipação e independência econômica e profissional, como Lispector, aceitava que a predominância de participação e produção referentes ao futebol deveria ser delegada ao masculino.

No seguinte excerto, ela mais uma vez admitiu sua dificuldade em entender os fatores que permeiam o futebol, em toda sua configuração técnica/tática:

Quanto a assistir por televisão, meu filho botafoguense assiste comigo. E quando faço perguntas, provavelmente bem tolas como leiga que sou, ele responde com uma mistura de impaciência piedosa que se transforma depois em paciência quase mal controlada, e alguma ternura pela mãe que, se sabe outras coisas, é obrigada a valer-se do filho para essas lições. Também ele responde bem rápido, para não perder os lances do jogo. E se continuo de vez em quando a perguntar, termina dizendo embora sem cólera: ah, mamãe, você não entende mesmo disso, não adianta. (LISPECTOR, 1968).

Entretanto, Clarice diz que se sentiu humilhada por essa situação e que, por isso, desejava entender muito mais do esporte no futuro:

[...] Quanto a futebol, um dia entenderei mais. Nem que seja, se eu viver até lá, quando eu for velhinha e já andando devagar. Ou você acha que não vale a pena ser uma velhinha dessas modernas que tantas vezes, por puro preconceito imperdoável nosso, chega à beira do ridículo por se interessar pelo que já devia ser um passado? É que, e não só em futebol, porém em muitas coisas mais, eu não queria só ter um passado: queria sempre estar tendo um presente, e alguma partezinha do futuro. (LISPECTOR, 1968).

Nota-se a consciência que Lispector apresenta da relevância que o futebol possuía (e ainda possui) na formação da identidade nacional brasileira e, por isso, o seu sentimento de que teria quase uma obrigatoriedade em ter contato mais direto e profundo com o mesmo. A escritora finalizou sua crônica devolvendo um pedido a Armando Nogueira, ao sugerir que o autor de **A ginga e o jogo** escrevesse sobre a vida, ou seja, invertendo os temas com a própria escritora.

Clarice Lispector provavelmente tenha escrito essa crônica de forma despreziosa, sem se preocupar com a sua repercussão em outras épocas, já que a característica desse subgênero literário é justamente sua relevância momentânea (CANDIDO, 1992). Entretanto, o conteúdo do texto é significativamente marcado pelo contexto social do movimento estudantil francês de 1968 (BENEVIDES, 2006), bem como pelo intensificar da luta pelos direitos da mulher, com a consolidação do movimento feminista; sendo assim, ultrapassando as barreiras temporais, tal crônica mantém-se perene até hoje. Condição esta restrita a poucos cronistas, que conseguem produzir textos com uma durabilidade além do cotidiano da época em que foram escritas. Estas preciosidades, que anteriormente eram consideradas “menores”, são posteriormente divulgadas em formatos diversos, como livros de coletâneas, *blogs* e portais da *internet*, entre outros. Já que, segundo Capraro (2007), a crônica:

Foi por um longo período desconsiderada pelo meio literário conservador. Talvez seja por isso, vindo de “baixo”, que o gênero possa ter causado tanto espanto (e também ressentimento) quando, mais próximo de um sentimento geral, do mesmo modo que vivido e resignificado pelo autor, infiltra-se com grande eficácia no tecido social, se encorpando – como já afirmado – escapando da sua prisão temporal para ganhar a imortalidade na forma de um livro. Deste jeito, sublime e ascendente, rompe definitivamente com a barreira imposta pelos preconceituosos, aqueles que o consideram um gênero menor. Viver ao *rés-do-chão* é sua sina. Destino difícil, porém nobre. (CAPRARO, 2007, p. 36).

Fica evidenciado, então, que a crônica - apesar de ser considerada como um gênero menor, logo, menosprezado por muitos literatos e críticos literários – ao se debruçar na temática esportiva, reverberou na sociedade de modo mais amplo, tendo em vista que atingiu um público apreciador de uma leitura mais informativa, apaixonada e trivial – os torcedores ávidos por notícias do mundo futebolístico.

LYA LUFT – exacerbação de passionalidade

Lya Luft nasceu no ano de 1938, no Rio Grande do Sul. Além de escritora, é tradutora de livros em Alemão e Inglês para o Português. Publicou obras como **Canções de Limiar, Flauta Doce, As Parceiras, Matéria do Cotidiano, A Asa Esquerda do Anjo, Reunião de Família, O Quarto Fechado, Mulher no Palco, Exílio, O Lado Fatal, O Rio do Meio, O Ponto Cego, Histórias do Tempo e Mar de Dentro**. Dedicou sua carreira a escrever sobre variados temas, como romance, cultura, política e economia, e dentre eles, o futebol aparece como temática periférica. Mesmo tendo se tornado uma das poucas mulheres que escreveu com certa regularidade sobre esse esporte, Luft o fez de forma episódica.

Um de seus posicionamentos mais marcantes pode ser percebido no texto *Que sejamos sempre dignamente vitoriosos ou perdedores — diferente do que fizemos na Copa*, publicado sobre a Copa do Mundo de 2014, no qual Luft relatou como se sentiu ao ver alguns dos jogadores brasileiros aos prantos, após as partidas decisivas que acabaram com o “sonho” nacional de título em seus domínios territoriais.

A escritora iniciou seu texto relatando como foi a sua vivência com o futebol, para logo após justificar o modo como pensa e escreve sobre essa temática: “Minha relação com o futebol começou cedo e sempre foi desajeitada” (LUFT, 2014). Ela ainda revelou qual é geralmente seu interesse ao acompanhar uma partida: “Fui a um ou outro jogo, sempre focada na coisa humana: as reações das pessoas, as expressões e posturas dos jogadores, os gritos e suspiros da massa – meio assustadora” (LUFT, 2014). Lya Luft parece usar tal frase para se defender de possíveis críticas, ou seja, ao falar que não é uma cronista que aprecia os aspectos técnicos ou táticos do futebol, mas que pensa sobre os efeitos e as emoções que essa prática causa nas pessoas e na sociedade brasileira, ela se distancia da “obrigação” de entender o jogo propriamente dito.

Assim, ao invés de ter feito uma análise da qualidade técnica/tática da seleção brasileira, ela usou as seguintes palavras para descrever o desempenho da equipe no jogo derradeiro contra a seleção alemã, pelas semifinais do torneio internacional:

Impliquei bastante com aquela choradeira toda: é natural que um atleta se emocione cantando seu hino numa hora importante, mas emoção viril, quem sabe alguma lágrima, sei lá. Sem careta de choro, sem beicinho. É natural que um atleta se emocione com tristeza ao perder. Mas aquele bando de homens abraçados chorando, um consolando o outro como menininhos de jardim de infância, me aborreceu (LUFT, 2014).

Lya também opinou sobre a o comportamento dos atletas e da comissão técnica após a derrota para a Holanda, na disputa pelo terceiro lugar da Copa:

E estranhei, impliquei, com a súbita retirada, verdadeira fuga da nossa equipe depois da última derrota, embarafustando-se pelo vestiário (para chorar?) em lugar de, anfitriões que eram, ficar firmes em campo homenageando os vencedores, que recebiam medalhas. Seria duro, mas seria natural e honroso. [...] Que essa lição

sirva não só para o nosso esporte, mas para a nossa vida, nosso trabalho, nossas entidades e instâncias públicas: que a gente seja dignamente vitorioso, ou dignamente perdedor (vitorioso, eu espero). (LUFT, 2014).

Vê-se que a escritora relacionou o futebol com outras esferas da sociedade, provavelmente por entender que tal esporte nunca se distancia suficientemente do mundo vivido, ou seja, o futebol interfere e recebe interferências da sociedade em que está presente, moldando comportamentos e refletindo interesses. Dessa forma, pode servir de exemplo para o âmbito político, social e do trabalho. Ela afirmou que a seleção brasileira não soube aceitar a derrota e frear seu orgulho, para ficar em campo e parabenizar os vencedores.

Lya Luft ainda revelou um pensamento polêmico. Ao discutir o pranto dos jogadores brasileiros, ela defendeu que aquilo não seria uma reação aceitável para o tipo de homens que eles eram. Disse que pareciam menininhos, como se chorar não fosse uma característica presente entre homens. Falou que se emocionar é aceitável, mas mantendo a virilidade. Será que esse também seria seu pensamento se os personagens envolvidos naqueles acontecimentos fossem mulheres? Aqui se percebe a inversão dos enquadramentos (POLLAK, 1992), ou seja, assim como algumas características femininas são cobradas das mulheres atletas, outras masculinas são cobradas dos homens atletas. Lya, deste modo, reforçou uma das características do estereótipo do gênero<sup>5</sup>, adotados pelo machismo. Aspecto que, de certa forma, revela um pensamento conservador de sua parte, já que, há algum tempo, sabe-se que muitas das diferenças existentes entre homens e mulheres são pautadas em construções sociais. Desse modo, para que não haja um modelo imutável a ser seguido por ambos, defende-se que esses tipos de enquadramentos sexistas sejam evitados. (LOURO, 1997).

Outra coisa que o trecho da crônica exacerba é a passionalidade da autora diante da participação vexatória do selecionado durante a Copa do Mundo de 2014, ou seja, ela deixou seu papel de analista para expressar suas emoções de torcedora, adotando assim, características comuns aos cronistas esportivos, que muitas vezes colocam suas paixões sobrepostas às análises técnicas e imparciais. Fato que alguns pesquisadores que trabalham com esse tipo de fonte já alertam há algum tempo:

Além de servir/mediar/defender projetos e concepções de identidade nacional, a crônica esportiva demonstrou ser um potente canal demonstrativo da passionalidade que envolve a prática futebolística. Com raras exceções, os literatos, no caso específico da crônica esportiva, atuaram oscilando entre um discurso racionalizado e outro apaixonado, na tentativa de compreensão do futebol enquanto fenômeno social brasileiro (CAPRARO, 2007, p. 7).

---

5 A pesquisadora estadunidense Joan Scott define gênero como: “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “[...] uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). No mesmo sentido, no intuito de diferenciá-lo de outros termos símiles, recorrem-se às definições apresentadas por Weeks (1999), que são no mínimo as mais didáticas para serem utilizadas: (1) sexo – termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que se vê como diferenciando homens e mulheres; (2) gênero – termo usado para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres; (3) sexualidade – descrição geral de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas em relações aos seus desejos e prazeres sexuais.

Portanto, Lya Luft, em relação ao futebol, com seu discurso apaixonado/passional, seguiu as características inerentes ao modelo de escrita que adota. Fez diretas ligações entre o mundo futebolístico, a seleção brasileira e a sociedade que influencia e é influenciada por esse fenômeno cultural.

## CONCLUSÕES

As escritoras se encontram em posição ainda mais distante de uma participação efetiva e igualitária em relação ao sexo masculino no campo esportivo, se comparadas às atletas. Pois, enquanto na função de atleta, elas vêm conseguindo, mesmo que de forma conflituosa e lenta, uma maior abertura de espaço, sua presença nos demais ofícios associados ao esporte ainda é ínfima.

Nenhuma delas construiu uma trajetória de sucesso tendo o esporte ou o futebol como sua temática principal. Aquelas que escreveram esporadicamente, como foram os casos de Raquel de Queiroz, Lya Luft e Clarice Lispector (renomadas no campo literário), geralmente opinaram sobre aspectos emocionais e sentimentais, ou ainda analisaram sua interferência em outras esferas da sociedade, como política ou economia, por exemplo. Além disso, foi possível perceber que Lispector tentou se justificar ao escrever sobre esse tema, reconhecendo (e avalizando) ser uma área de dominação masculina. Já Raquel de Queiroz arriscou-se sem pedir permissão, e aqui uma inferência possível para justificar tal naturalidade pode ser feita, já que ela sempre foi de certa forma inserida em círculos sociais e profissionais masculinos, o que pode ter feito com que se legitimasse em tal tarefa, embora, a escritora em momento algum tenha se aproximado de análises de caráter técnico ou tático sobre o futebol. Mais contemporânea, escrevendo e vivendo em uma época em que a divisão de funções entre os gêneros foi atenuada, Lya Luft usufruiu o direito de dissertar livremente sobre o tema, sem se privar de fazer críticas à seleção brasileira masculina de futebol.

Apesar disso, ainda é perceptível o afastamento de mulheres do papel de “especialistas do futebol”, fato que pode ter uma de suas causas no estereótipo histórico lançado à mulher de forma geral nas relações sociais. Ou seja, assim como por muito tempo suas opiniões sobre variados assuntos da vida pública foram negligenciados, também se acreditou que elas não seriam capazes de opinar adequadamente sobre este esporte, mesmo em conversas informais e tendo similar experiência a de um homem no assunto (como se o conhecimento deste acerca de futebol fosse de certa forma “natural”, portanto, inquestionável). Tomando isso como fato, há a possibilidade de conclusão de que a mídia – tomada aqui como um conjunto de empresas que possuem na audiência adquirida sua fonte de lucro – apenas repercute o “burburinho” vindo da sociedade, afinal: qual a probabilidade de um público majoritariamente masculino acompanhar a produção literária de uma *mulher* sobre o futebol?

## REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, Sílvio César Oliveira. **Na contramão do poder: juventude e movimento estudantil**. São Paulo: Annablume, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CANDIDO, Antonio. et. al. **A Crônica**. Campinas: Editora Unicamp, 1992.
- CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. 2007. 357f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Ano II, n. 04, Brasília, 2012.
- \_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiás: v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005a.
- \_\_\_\_\_. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo: v. 19, n. 02, p. 143-151, abr./jun. 2005b.
- LISPECTOR, Clarice. Armando Nogueira, futebol e eu, coitada. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 mar. 1968.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6 Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- LUFT, Lya. **Que sejamos sempre dignamente vitoriosos ou perdedores – diferente do que fizemos na Copa**. 02 ago. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/lya-luft-que-sejamos-sempre-dignamente-vitoriosos-ou-perdedores-diferente-do-que-fizemos-na-copa/>>. Acessado em: 10 nov. 2014.
- MORAES E SILVA, Marcelo; FONTOURA, Mariana Purcote. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo: v. 25, n. 2, p. 263-75, abr./jun. 2011.
- MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- NOGUEIRA JUNIOR, Arnaldo. **Lya Luft**. S/d. Disponível em: <[http://www.releituras.com/lyaluft\\_bio.asp](http://www.releituras.com/lyaluft_bio.asp)>. Acessado em: 30 out. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Raquel de Queiroz**. S/d. Disponível em: <[http://www.releituras.com/racheldequeiroz\\_bio.asp](http://www.releituras.com/racheldequeiroz_bio.asp)>. Acessado em: 16 nov. 2014.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PROENÇA, Ivan Cavalcante. **Futebol e Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- QUEIROZ, Raquel de. O amistoso. In: GULLAR, F. et. al. **O melhor da crônica brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- RAMOS, Fabio. **Como é que sou vascaína? Não sei. Amor é assim**. 17 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.vasco.com.br/site/noticia/detalhe/3798/como-e-que-eu-sou-vascaina-nao-sei-amor-e-assim>>. Acessado em: 28 ago. 2014.
- SCOTT, Johan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.
- SOUZA, Juliana Sturmer Soares.; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e

- esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo: v. 21. n. 1. p. 35-48, 2007.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio** – o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- 

### **WOMEN OUTSIDE THE AREA: writers “risking” to speak about football**

#### **ABSTRACT**

It is notable that the football environment is historically dominated by men and this is reflected in the artistic / literary production of this subject. There are a large number of chroniclers men writing about this sport, in contrast to this, there are few texts about this theme written by women. The article aimed presents reflections about how the small number of literate women who wrote about football, conceived, allowing also reflect about the perpetuating male dominance in this sphere. The methodology used was that of literary studies focused on the analysis of chronic sports, in this case, produced by the writers Lya Luft, Rachel de Queiroz and Clarice Lispector, so we tried to make a relationship between literature and history. It was concluded that in rare football texts produced by women, when they not apologized for writing about this theme, tried to get away from technical or tactical ratings.

**Keywords:** Women; Literature; Football

### **MUJERES FUERA DE ÁREA: escritores que “arriesgan” hablar de fútbol**

#### **RESUMEN**

Es notable que ambiente del fútbol es históricamente dominada por hombres y esto se refleja en la producción artística / literario de este tema. Hay un gran número de cronistas hombres escribiendo sobre este deporte, en contraste con esto, hay pocos textos sobre este tema escrito por mujeres. El artículo presenta reflexiones sobre cómo el pequeño número de mujeres que escribió sobre el fútbol lo concebían, lo que permite también reflexionar sobre la perpetuación de la dominación masculina en este ámbito. La metodología utilizada fue de estudios literarios, que se centraron en análisis de deportes crónicas producidas por Lya Luft, Raquel de Queiroz y Clarice Lispector, así tratamos de hacer una relación entre la literatura y la historia. Se concluyó que en los textos de fútbol raros producidos por las mujeres, cuando no se disculpan por escribir acerca de este tema, se trató de alejarse de calificaciones técnicas o tácticas.

**Palabras clave:** Mujeres; Literatura, Fútbol

---